
USOS ANTAGÔNICOS NO LITORAL: DO MODO DE VIDA TRADICIONAL NA PRAIA DE MANGUE SECO (MA) AO TURISMO NA PRAIA DA LAGOINHA (CE)

Matheus Andrade **MARQUES**

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC. Membro do Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR/UFC)

E-mail: marquesm93@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2421-5482>

José Almir Ramos **MAIA FILHO**

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC. Membro do Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR/UFC)

E-mail: almirmaiaufc@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3714-3596>

Histórico do Artigo:

Recebido

Dezembro de 2022

Aceito

Abril de 2023

Publicado

Junho de 2023

Resumo: A presente pesquisa apresentou uma análise a respeito dos processos de uso e ocupação existentes no litoral brasileiro. Assim, usa-se como áreas de investigação as praias de Lagoinha (CE) e de Mangue Seco (MA), com o anseio de caracterizar e refletir sobre suas dinâmicas de usos, transformações e implicações para as comunidades locais. Para efetivação do referido objetivo, analisou-se aspectos como atividades econômicas desenvolvidas nas praias, configuração paisagística, desenvolvimento de práticas de cunho turístico e outros. Como resultados, constatou-se que a praia de Lagoinha se encontra em um processo de alteração paisagística em função da fixação de um mercado imobiliário que se instaurou no local em prol da existência de um potencial turístico a ser explorado na praia. Já na praia de Mangue Seco, onde predominam práticas tradicionais, como a pesca executada pela comunidade local, identificou-se maior preservação de sua composição paisagística e cultural. Por fim, constatou-se que as dinâmicas e atividades identificadas em ambas as praias, dizem respeito a distintos processos de intervenções que foram efetivados nesses ambientes.

Palavras-chave: Urbanização. Litoral. Praia de Lagoinha. Praia de Mangue Seco.

ANTAGONISTIC USES ON THE COAST: FROM THE TRADITIONAL WAY OF LIFE AT MANGUE SECO BEACH (MA) TO TOURISM AT LAGOINHA BEACH (CE)

Abstract: The present research presented an analysis of the processes of use and occupation existing on the Brazilian coast. Thus, it uses as research areas the beaches of Lagoinha (CE) and Mangue Seco (MA), with the desire to characterize and reflect on their dynamics of uses, transformations and implications for local communities. In order to achieve this goal, we analyzed aspects such as economic activities developed on the beaches, landscape configuration, development of tourism practices, and others. As a result, it was found that Lagoinha beach is in a process of landscape change due to the establishment of a real estate market that has established itself in the location in favor of the existence of a tourist potential to be explored on the beach. On the other hand, Mangue Seco beach, where traditional practices predominate, such as fishing carried out by the local community, identified a greater preservation of its landscape and cultural composition. Finally, it was found that the dynamics and activities identified in both beaches relate to distinct processes of interventions that have been carried out in these environments.

Keywords: Urbanization. Coastline. Lagoinha Beach. Mangue Seco Beach.

USOS ANTAGÓNICOS EN LA COSTA: DEL MODO DE VIDA TRADICIONAL EN LA PLAYA DE MANGUE SECO (MA) AL TURISMO EN LA PLAYA DE LAGOINHA (CE)

Resumen: La presente investigación presenta un análisis de los procesos de uso y ocupación existentes en el litoral brasileño. Así, se utilizan como áreas de investigación las playas de Lagoinha (CE) y Mangue Seco (MA), con el deseo de caracterizar y reflexionar sobre sus dinámicas de usos, transformaciones e implicaciones para las comunidades locales. Para alcanzar este objetivo, se analizaron aspectos como las actividades económicas desarrolladas en las playas, la configuración del paisaje, el desarrollo de prácticas turísticas y otros. Como resultado, se constató que la playa de Lagoinha se encuentra en un proceso de cambio paisajístico debido a la implantación de un mercado inmobiliario que se ha establecido en el lugar a favor de la existencia de un potencial turístico a explotar en la playa. Por otro lado, en la playa de Mangue Seco, donde predominan las prácticas tradicionales, como la pesca realizada por la comunidad local, se identificó una mayor preservación de su composición paisajística y cultural. Finalmente, se encontró que las dinámicas y actividades identificadas en ambas playas se relacionan con diferentes procesos de intervenciones que se han llevado a cabo en estos ambientes.

Palabras clave: Urbanización. Litoral. Playa de Lagoinha. Playa de Mangue Seco.

INTRODUÇÃO

Em virtude da instauração de uma nova tendência, que está relacionada aos hábitos da sociedade moderna e que se estende até o pós-modernismo, o espaço geográfico passa cada vez mais por transformações, no sentido de atender os anseios das mais diversas populações. Entre essas mutações, destaca-se o papel desempenhado pelo litoral, que é moldado ao longo do tempo, com o objetivo de possibilitar melhores condições de uso aos grupos sociais, sejam estes habitacionais, de serviços e/ou de lazer.

A despeito dessa prática, Fonseca, Oliveira e Sonaglio (2018) ressaltam que o litoral passa por um processo de ressignificação, no sentido de reinterpretar suas funcionalidades e usos. A moradia na zona costeira é uma exemplificação desse fenômeno, com a valorização do solo urbano nessa área, as famílias residentes nas proximidades da praia, adquirem um posto de privilégio perante aos outros estratos sociais que compõem a cidade.

Pessoa (2020) declara que historicamente a zona costeira de modo geral, sempre possuiu papel relevante para os grupos sociais. As comunidades extrativistas obtinham um modelo de vivência pautado na subsistência, assim, o mar era o elemento primordial para essas populações, porém, essa era uma relação distinta da que fora desenvolvida pela sociedade contemporânea.

Atualmente acontece um fenômeno que Dantas (2021) define como ‘práticas marítimas modernas’, que seriam novas atividades desenvolvidas pela sociedade para com o mar, com ênfase para a segunda metade do século XX e que se estende ao longo do século XXI. Assim, essas práticas possuem destaque, com destaque para as relacionadas ao lazer e também ao turismo, fatores que conforme o autor, contribuem para o processo de transformação vigente atualmente no litoral.

Para Costa (2012), um dos principais agentes promovedores dessa alteração litorânea existente em prol de práticas de turismo e lazer, é a urbanização. Foi instaurada uma tendência de se construir nas proximidades do mar, acarretando deste modo, em uma valorização territorial do litoral, que passou a receber imóveis e conseqüentemente, outros equipamentos urbanos, assim redefinindo toda a dinâmica de usos e relações da sociedade para com o mar (PEREIRA; DANTAS, 2019).

Segundo Paula, Batista e Dantas (2019), num primeiro momento, que está relacionado principalmente às décadas de 1970 e 1980, o processo de urbanização no litoral se acentua em uma vertente pautada na prática da segunda residência, com o surgimento de casas de veraneio que recebiam famílias principalmente aos finais de semana e também em feriados para momentos de lazer. Posteriormente, ao longo das décadas seguintes, acentua-se na zona litorânea das principais cidades brasileiras a tendência de construções verticais.

Nesse contexto, juntamente com o surgimento dos prédios que reconfiguram a paisagem do litoral, novos agentes são também incorporados a este espaço, em virtude das possibilidades rentáveis que, sobretudo as zonas de praias passam a fornecer. Assim, empresas do ramo imobiliário e também do turismo, se fazem presentes neste novo momento, personificadas através de empreendimentos como: hotéis, condomínios residenciais, *resorts*, parques temáticos, restaurantes e outros (FONSECA; OLIVEIRA, 2018).

Em contrapartida, observa-se que em algumas áreas litorâneas o referido fenômeno não se instaurou ou ainda não possui tanta relevância como em outras zonas costeiras. Tais práticas modernas de uso do litoral, estão concentradas, principalmente, nos grandes centros urbanos e conseqüentemente, em suas regiões metropolitanas. Porém, ainda são identificados alguns casos de resistência a este processo, como por exemplo, a habitação por parte de pescadores, ribeirinhos e outras comunidades tradicionais que também residem nas proximidades do mar e exercem um modelo de vida distinto daquele empreendido pelas grandes corporações.

Diante dessa realidade, realizou-se ao longo do presente texto a execução de uma análise a respeito da dinâmica diversa de usos do litoral brasileiro, visando apresentar processos de transformações e também de preservações de paisagens e modos de vida. Para a efetivação de tal anseio, usou-se como recorte espacial de pesquisa os litorais dos estados do Ceará e Maranhão, a partir de duas praias presentes em seus territórios, de modo que o esforço analítico apresente um panorama antagônico, no sentido de nos propiciar uma reflexão de distintos cenários.

A construção da discussão em torno da distinção das áreas foi possível em razão da escolha de praias com dinâmicas de uso e ocupação antagônicas. Assim, optou-se pela praia da Lagoinha (CE) e a praia de Mangue Seco (MA). A primeira é um local que se encontra em processo de transformação em função de investimentos provenientes do setor imobiliário, estabelecendo assim uma infraestrutura urbana que visa atender um potencial turístico existente no local.

A segunda possui uma dinâmica de ocupação que pode ser ainda considerada como tradicional, ocupada em sua maioria por famílias de pescadores, se encontra em movimento contrário ao existente na praia cearense. A praia de Mangue Seco preserva área de manguezais e a atividade pesqueira movimentada a economia da comunidade ao seu entorno. Assim como a praia da Lagoinha, também possui um potencial turístico em razão de suas características naturais, porém, o mercado imobiliário e de turismo ainda não exploram a área com a mesma intensidade identificada no caso da primeira praia apresentada.

Destarte, a pesquisa teve como objetivo a realização de uma análise comparativa das duas praias, evidenciando o papel do setor imobiliário e turístico para a execução de transformações socioespaciais em áreas litorâneas. Nesse contexto, nosso intuito é apresentar as implicações provenientes de um processo que visa consolidar a praia de Lagoinha como espaço turístico. E também refletir sobre a dinâmica existente na praia de Mangue Seco, que

possui uma dinâmica diferente, mostrando-se uma área de resistência, até o momento, em meio a todo este panorama de modificações existentes em áreas litorâneas.

Para tanto, foram cumpridas as seguintes etapas metodológicas: investigação bibliográfica (artigos em periódicos, livros, dissertações e banco de dados); uso de aporte cartográfico (elaboração de mapas), os mapas foram elaborados através do uso de dados obtidos no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e organizados por meio do *software* QGIS; iconográfico (fotografias e imagens), que foram adquiridas durante as atividades de campo realizadas em ambas as praias investigadas e também em *sites* na internet, como por exemplo, o *Google Earth*. Deste modo, o artigo foi estruturado com quatro partes subsequentes, tendo no segundo momento a apresentação de uma discussão a despeito dos usos tradicionais e práticas modernas relacionadas ao litoral. Na terceira parte, realizamos um debate sobre o caso específico da praia de Mangue Seco. Na terceira seção, expusemos o caso identificado na praia de Lagoinha. E por fim, efetivamos um exercício sintético, refletindo sobre os resultados identificados durante a construção dessa investigação.

DO USO TRADICIONAL ÀS PRÁTICAS MARÍTIMAS MODERNAS: o litoral e suas distintas nuances

Conforme Dantas (2019), o litoral brasileiro é demarcado por dois momentos de maior relevância, no que diz respeito à vida humana. O primeiro está caracterizado pela relação primária dos povos para com o mar, que era estabelecida, sobretudo, com base em atividades que atualmente denominamos de tradicionais, entre essas, possuem maior notoriedade a pesca e a navegação. Posteriormente, os usos medicinal e terapêutico também são incorporados, e um ideário de benesses advindas do marítimo é vislumbrado.

O segundo momento é condizente a uma alternância das relações sociais exercidas para com o litoral, com ênfase para as zonas de praia. Este fato pode ser apreendido a partir de um prisma do campo trabalhista, que ao conquistar direitos, como as férias e folgas, passam a utilizar as zonas de praia como ambientes de recreação. Num primeiro momento, o referido fenômeno é concentrado em países europeus, mas logo se expande por todo o planeta (DANTAS, 2019).

Com relação ao Brasil, Pereira (2014) destaca o papel desempenhado pelos principais centros urbanos nacionais que estão localizados na zona costeira do país. Estes espaços foram os primeiros a incorporar as novas práticas de uso do litoral, que agora estavam relacionadas ao uso dessas áreas como ambientes de lazer. Logo este fato chama atenção de investidores de

capital privado, personificados nas incorporadoras do ramo turístico e imobiliário, vislumbram possibilidades de rentabilidade através das zonas de praias.

Desse modo, a urbanização passa a ser uma tendência no litoral brasileiro, o residir nas proximidades do mar passa a ser um elemento agregador de valor, fato que contribui para o aumento no preço do m² do solo urbano localizado em faixas litorâneas. Este panorama reúne condições propícias sobretudo ao setor privado, que através de construções de edifícios residenciais, *resorts*, hotéis, restaurantes e outros equipamentos, instaura nessas áreas um importante mercado turístico e imobiliário (FONSECA; OLIVEIRA, 2018).

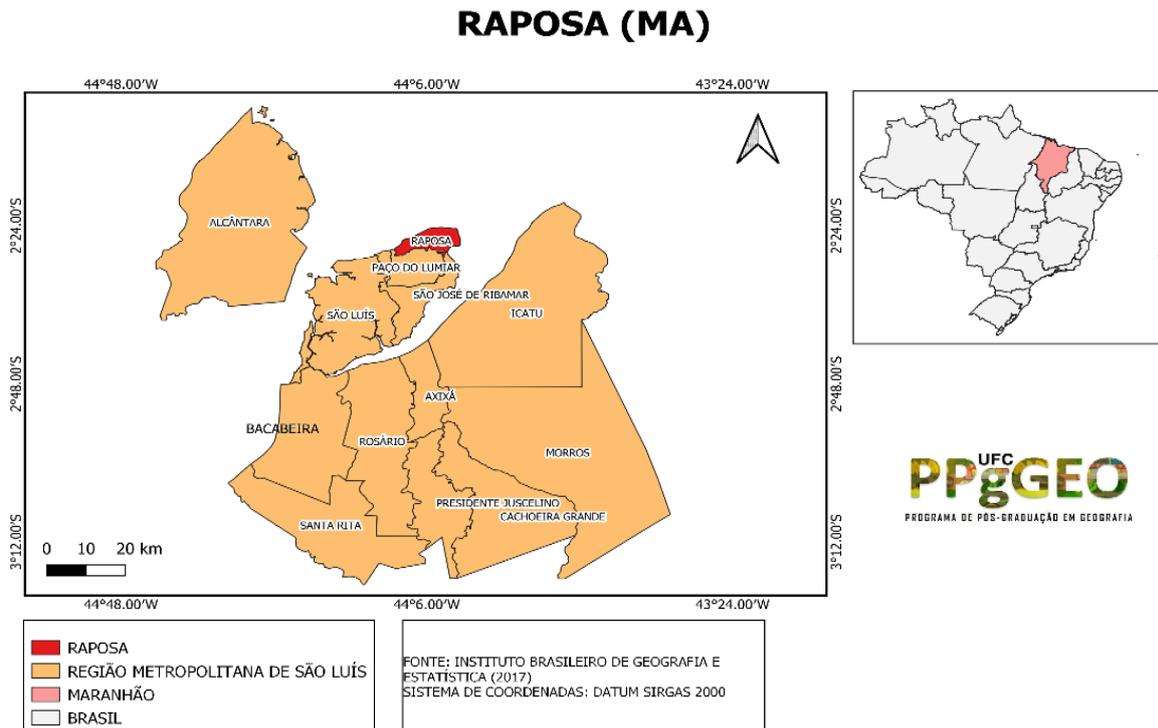
Com a consolidação desse mercado que faz uso do litoral a partir de sua urbanização, algumas implicações relacionadas ao âmbito social, devem ser discutidas. Entre essas, a manutenção das práticas tradicionais exercidas por populações já residentes nessas áreas anteriormente à implementação desse novo momento de valorização do litoral (CASTRO, 2018).

Essas famílias que já habitavam o litoral e/ou utilizavam do mar para sobreviver através de atividades como a pesca artesanal e cata de mariscos, não estão no cerne dos anseios desses novos investidores que fazem uso da zona costeira para acumular capital. Assim, a urbanização litorânea é um processo que ao mesmo tempo que reflete uma nova concepção de uso do mar, também expõe riscos à manutenção de práticas tradicionais, que são negligenciadas em razão de demandas contemporâneas.

A PRAIA DE MANGUE SECO E A PRESERVAÇÃO DO TRADICIONAL

Situada no município de Raposa (MA), que possui de acordo com o IBGE, em 2021, uma população estimada em 31.586 habitantes, sendo um dos treze municípios que compõem a Região Metropolitana de São Luís (Figura 1), a praia de Mangue Seco possui dinâmicas singulares, se comparada com as principais praias presentes no litoral maranhense. Isto ocorre pelo fato do local preservar hábitos considerados atualmente, como tradicionais, onde os principais aspectos advindos da urbanização não possuem relevância como em outras praias, como por exemplo: a tendência de construção de moradias verticais e outros equipamentos urbanos à beira-mar.

Figura 1 – Localização do município de Raposa na Região Metropolitana de São Luís.



Sobre a supracitada praia, Castro (2018) declara que trata-se de um ambiente ímpar, uma vez que possui usos e ocupação completamente antagônicos, se comparada à realidade identificada nas principais praias de São Luís, onde a urbanização já reconfigurou suas paisagens e instaurou novas dinâmicas.

A Praia de Mangue Seco é caracterizada pelo baixo fluxo de pessoas e pela escassa infraestrutura. Frequentada por quem busca um lugar mais tranquilo para se divertir, alguns de seus frequentadores aproveitam a tranquilidade da praia para pescarem de rede ou anzol. Prática já exercida pelos moradores do vilarejo que dá acesso a mesma. Seu principal acesso é feito pela MA 203, seguido por uma trilha sobre os mangues, que leva torno dez minutos de caminhada (CASTRO, 2018, p. 44).

Em função da referida caracterização, o ambiente ainda preserva além de áreas naturais, modos de vida tradicionais, como por exemplo, a pesca artesanal, que é uma atividade recorrente no local (CASTRO, 2018). Ainda com relação à pesca, na comunidade são comercializados pescados, que são vendidos para famílias locais e outros municípios maranhenses, a Figura 2 evidencia um comércio nas proximidades da Praia de Mangue Seco.

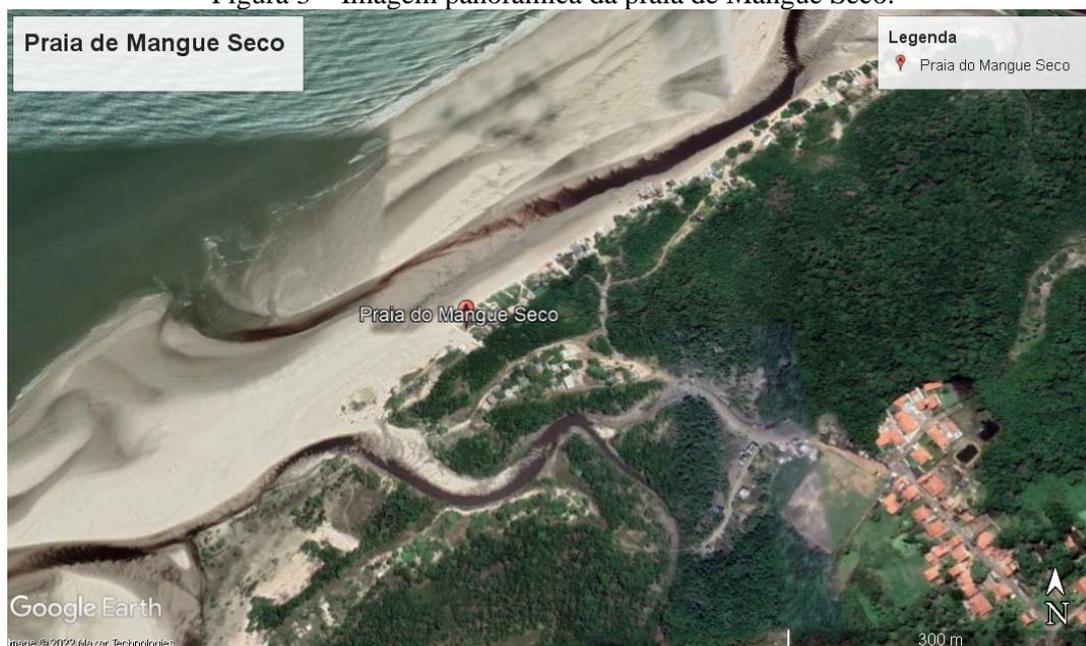
Figura 2 – Ponto de venda de peixes na praia de Mangue Seco.



Fonte: Marques; Maia Filho (2022).

Oliveira e Pereira (2021) apontam que a atividade pesqueira na praia de Mangue Seco, de certo modo, é a continuidade de um modo de vida já desenvolvido desde o século XVI por indígenas da etnia Potiguar na área onde atualmente se encontra o município Raposa. Ainda sobre a caracterização da praia de Mangue Seco, Sousa (2017, p. 19) declara que “os manguezais representam a paisagem predominante na região, entretanto é possível observar também áreas de apicum e restinga”. Portanto, percebe-se que este ambiente possui uma importância singular, pois trata-se de um ecossistema riquíssimo que abriga inúmeras espécies como crustáceos, peixes, aves, além de preservar área de manguezais. A Figura 3 apresenta um panorama da paisagem do local investigado.

Figura 3 – Imagem panorâmica da praia de Mangue Seco.



Fonte: Google Earth (2022). Organização: Marques; Maia Filho (2022).

Souza (2017) complementa que para além da atividade pesqueira, que é a principal executada na praia de Mangue Seco, também ocorrem outras que contribuem para a movimentação da economia local, tais como o artesanato, cata de caranguejos e a mariscagem. Assim como ocorre com os pescados, todos estes produtos são comercializados na comunidade.

Em razão da ocorrência de visitas de turistas e moradores de outros municípios maranhenses, sobretudo de São Luís, os residentes de Raposa construíram barracas na praia de Mangue Seco (Figura 4), que funcionam como bares e restaurantes, afim de atender a demanda dos visitantes, geralmente as barracas são geridas por famílias da comunidade local.

Figura 4 – Barraca na praia de Mangue Seco.



Fonte: Marques; Maia Filho (2022).

Um aspecto que chama atenção a respeito das barracas são as suas estruturas, pois são construídas pelos próprios moradores, fazendo uso majoritariamente de madeiras. Algumas das construções são também residências das famílias locais. O acesso à praia também é mais uma singularidade a ser destacada, para ter acesso à faixa de areia e também às barracas, o visitante primeiramente passa por um caminho existente dentro da área de manguezais (SOUSA, 2017).

Figura 5 – Área de manguezais que dão acesso à praia de Mangue Seco.



Fonte: Marques; Maia Filho (2022).

Ainda a despeito do acesso à praia, a depender da variação da maré, que quando está cheia avança até o referido trajeto fazendo com que o excursionista só consiga chegar até à praia de Mangue Seco através de uma travessia de canoa pelos manguezais que dão acesso ao local. Este é mais um aspecto que difere o local das demais praias presentes na Região Metropolitana de São Luís, que em virtude das implicações da urbanização, possuem orlas artificiais, possibilitando com que os visitantes cheguem até elas andando, de veículos particulares e/ou transporte público.

Com base no apresentado, compreende-se que a praia de Mangue Seco possui dinâmicas singulares, relacionadas principalmente ao desenvolvimento de práticas tradicionais da sociedade para com o litoral. Se comparada com outras praias próximas também presentes no litoral maranhense, percebe-se que os usos e relações presentes em Mangue Seco seguem na via contrária, pois a urbanização, infraestrutura e desenvolvimento de atividades turísticas são ainda incipientes na área, preservando dessa forma o modo de vida da população local.

O MERCADO TURÍSTICO E IMOBILIÁRIO COMO AGENTES PROMOVEDORES DE TRANSFORMAÇÕES NO LITORAL: a praia de Lagoinha

Seguindo a lógica predominante no litoral nordestino, a urbanização e produção do espaço na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) intensificaram-se através de atividades de turismo e vilegiatura que inicialmente ganharam força na capital, em seguida expandindo-se para dois municípios limítrofes: Caucaia e Aquiraz. Ambos são municípios considerados

vetores de expansão e metropolização atrelada às práticas marítimas, tanto a leste como a oeste da metrópole. O Plano de Desenvolvimento Integrado para a Região Metropolitana de Fortaleza – Plandirf, divulgado em 1972, em zoneamento das funcionalidades da cidade e municípios próximos indicava a importância estratégica desses municípios citados para o desenvolvimento de atividades de lazer (PEREIRA, 2014).

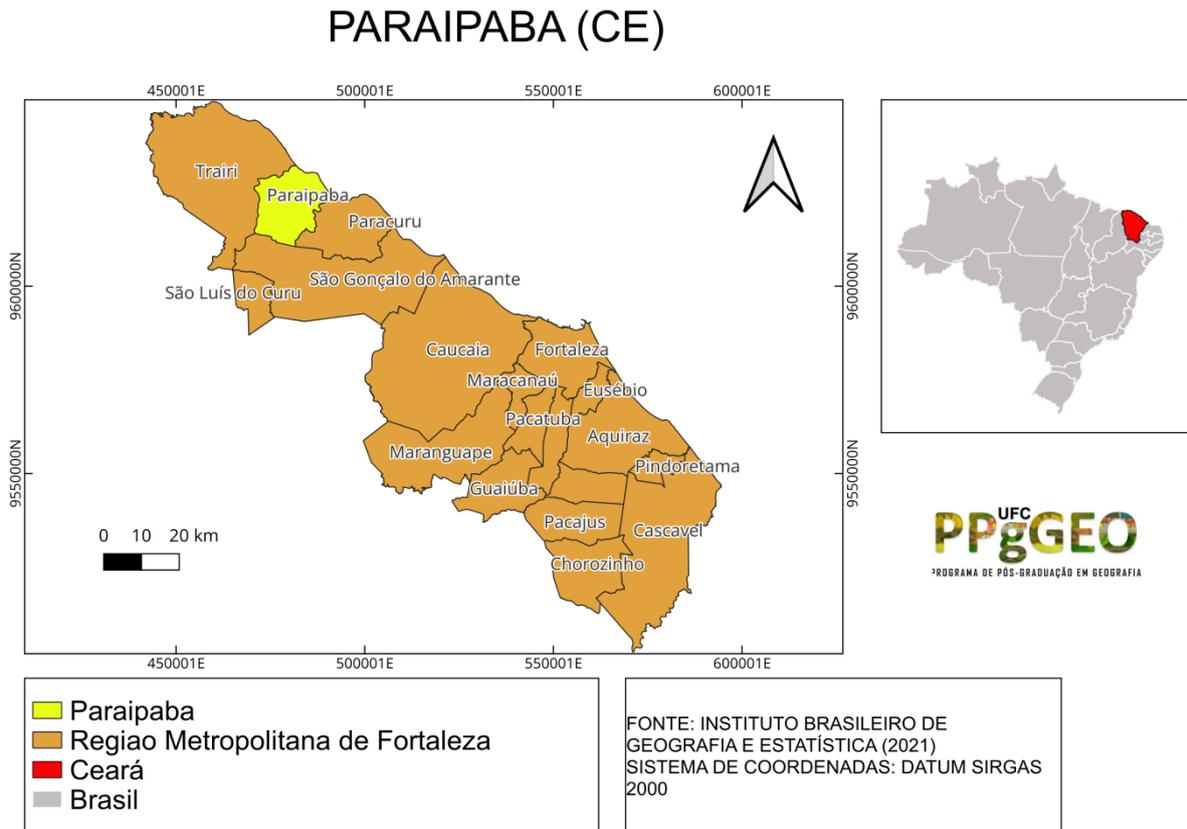
A metrópole Fortaleza foi o ponto de partida para a espacialização e produção do espaço voltado ao turismo, evidenciando a sua zona costeira nesse processo de urbanização e consequente metropolização. Foi a partir de políticas públicas, principalmente do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Estado do Ceará (PRODETUR-CE) que a atenção do governo se direciona para a atividade turística, como vetor de desenvolvimento econômico, oferecendo condições para o desenvolvimento de projetos e implementação de infraestrutura em áreas estratégicas. Sobre o PRODETUR, cabe destacar:

Trata-se de política baseada em ações públicas de planejamento do território e do turismo em escala regional (PRODETUR-NE), cuja base de recursos é, de um lado, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e, de outro lado, o Banco do Nordeste e os governos locais, em parceria em que cada um deles contribui com 50% do financiamento (DANTAS, 2011, p. 76).

Nas quatro regiões turísticas definidas pelo PRODETUR-CE para aplicação de recursos e ações estratégicas, considerando todo o litoral cearense, o município de Paraipaba se encontra na região turística II, juntamente com Itapipoca, Trairi, Paracuru, São Gonçalo do Amarante e Caucaia. Tais investimentos e desenvolvimentos estruturais no litoral da RMF favoreceram a inserção de espaços subnacionais na dinâmica do turismo e consequente valorização desses territórios na lógica econômica global (PEREIRA, 2014).

Após alterações e inclusões ao longo dos anos, atualmente a RMF é composta por 19 municípios, sendo a 6ª Região Metropolitana mais populosa do Brasil e a mais populosa do Nordeste, com 4.167.996 de habitantes, de acordo com estimativas do IBGE (2021). Na última inclusão, foram adicionados os municípios de São Luís do Curu, Paracuru, Trairi e Paraipaba (FACUNDO, 2018) (Figura 6).

Figura 6 – Localização do município de Paraipaba na Região Metropolitana de Fortaleza.



A praia de Lagoinha está localizada no município de Paraipaba, no estado do Ceará, o referido município possui uma população de aproximadamente 33.232 habitantes, de acordo com o IBGE (2021). Localizado a 106,7 km de Fortaleza, o acesso ao município se dá pelas rodovias CE-090 e CE-085. Paraipaba possui um litoral de aproximadamente 14 km, que se estende a partir da foz do Rio Curu e suas duas praias: Capim Açú e Lagoinha. As atividades econômicas no município estão concentradas nas áreas de administração pública, indústria de transformação, construção civil e agropecuária. Além da sede (Paraipaba), possui mais 3 distritos: Boa Vista, Camboas e Lagoinha (IBGE, 2021).

Das referidas praias do município, Lagoinha é a mais conhecida, principalmente por suas práticas marítimas e esportes aquáticos, que atraem turistas locais e do mundo todo. É comum notar o destaque midiático da praia a partir de sua presença em listas dos melhores destinos turísticos do Ceará, através de pesquisas em *sites* como: *Flytap*, *Viajoteca*, *Ampliaza*, entre outros. O período de maior destaque e divulgação acontece principalmente no mês de julho, quando ocorre a tradicional “Regata de Lagoinha” (GUIA DO TURISMO BRASIL, 2022), evento que em 2022 chegou a sua 30ª edição, realizado pela Prefeitura de Paraipaba

através da Secretaria de Turismo, Cultura e Meio Ambiente com o objetivo de promover a praia no cenário turístico regional e nacional.

Nesse sentido, além de se tratar da promoção de um evento esportivo somam-se ao cronograma do referido, atividades culturais diversas: que vão desde a dança, o teatro e atrações musicais variadas (Figura 7). Percebe-se um claro incentivo por parte do poder público na atração de fluxos turísticos para a localidade, mediante forte divulgação midiática e investimento nas atrações artísticas. Assim, observa-se a inserção do litoral de Paraipaba no circuito de eventos e festivais no âmbito regional.

Figura 7 – Banner de divulgação da 30ª Regata de Lagoinha.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cfw7jbZuPp6/> (2022).

Outra característica marcante no litoral da Lagoinha é que se mantém ainda em seu contexto espacial a presença de agentes sociais tradicionais ou contra-hegemônicos, como os pescadores e artesões, habitantes remanescentes do pequeno vilarejo que deu origem ao aglomerado urbano e que hoje “dividem” o território com os agentes dos grupos hegemônicos (agentes imobiliários, turistas e vilegiaturistas), que aos poucos vão redefinindo o território litorâneo, tal qual como vem ocorrendo em outros municípios litorâneos da RMF.

O reconhecimento da potencialidade turística também ocorre na razoável oferta de serviços turísticos, com uma acessível quantidade de pousadas e restaurantes, como também

na presença de feiras e das tradicionais barracas, presentes por toda a orla da praia da Lagoinha. Entre as já consideráveis opções de hospedagem estão: Genus Beach, Vivamar Hotel, Platô, entre outros.

Figura 8 – Presença das feiras de roupa e artesanato na praia de Lagoinha.



Fonte: Marques; Maia Filho (2023).

Entretanto, um ponto alto e preponderante na reconfiguração territorial tanto na praia da Lagoinha como no recorte do litoral oeste cearense, se dá pela construção dos chamados complexos turísticos residenciais de multipropriedade: *Hard Rock* Hotel Fortaleza (praia da Lagoinha) e *The Coral* (praia de Flecheiras), em Trairi, município vizinho à Paraipaba. Destaca-se nesse sentido a transformação do espaço litorâneo pela atividade turístico-imobiliária. A atuação dos agentes, investidores e empresas do setor ocorre na apropriação das condições socioculturais e econômicas do espaço onde estão inseridos e na diversificação do produto (tipologia dos empreendimentos) e da sua clientela (turistas e vilegiaturistas) (PEREIRA; FREITAS, 2014).

Esse movimento de reconfiguração territorial a partir da atividade imobiliária no litoral oeste cearense repete modelo já consolidado em outras costas litorâneas, como na Espanha, em que ocorreu um intenso processo de urbanização motivado pelas práticas de ócio e turismo, através da expansão do segmento imobiliário e das formas das segundas residências (PONTES; GARCÍA-MARÍN; MORENO-MUÑOZ, 2020).

Algumas características são condicionantes para o desenvolvimento da espacialização e evolução das segundas residências, notadamente dos complexos turísticos residenciais. Analisando o modelo espanhol e brasileiro o trabalho de Pontes, García-Marín e Moreno-

Muñoz (2020) pontua essas variáveis que são semelhantes nos dois países: condições climáticas estáveis ao longo do ano; baixo custo de aquisição do terreno para os agentes imobiliários; obtenção dos terrenos geralmente por estrangeiros com maior aporte financeiro; boa qualidade dos serviços oferecidos na localidade; fácil acessibilidade ao território turístico.

É no contexto dessas referidas características que ocorrem grandes investimentos por parte de marcas consolidadas internacionalmente, como no caso do *Hard Rock Hotel* Fortaleza, atualmente em construção na praia da Lagoinha e com previsão de entrega para o segundo semestre de 2023 (Figura 9). É um empreendimento dentro da tipologia de *resort hotel*, que contará com serviços hoteleiros e atividades de alto padrão para seus clientes. O projeto é de responsabilidade da *Venture Capital Investments* (VCI SA), também responsável pela construção de outras unidades da marca *Hard Rock* no país, como: Paraná, São Paulo, Rio Grande do Norte e Pernambuco.

Figura 9 – Obras do *Hard Rock Hotel* Fortaleza.



Fonte: Marques; Maia Filho (2023).

O terreno escolhido para a construção do *Hard Rock Hotel* está inserido na Área de Proteção Ambiental das Dunas da Lagoinha e pertencia anteriormente a outro grupo hoteleiro: o Fortalisboa Promoção Imobiliária LTDA. O grupo que era dono do terreno de 178.701,61 m² tinha projeto em construção que se chamaria *Complexo Turístico Viva Mar Resort e Village* e que acabou sendo cancelado com as obras já em andamento (QUINTELA, 2021).

As obras do *Hard Rock*, iniciadas em 2020, aproveitaram a estrutura já construída pelo empreendimento anterior.

A chegada de investimentos, provenientes de programas públicos e parcerias privadas desenvolveram e melhoraram os equipamentos urbanos, principalmente no que se refere à mobilidade, como no caso da melhoria e ampliação da rodovia CE-085 (MARTINS, 2011). Na praia da Lagoinha isso significou maior facilidade na chegada de fluxos turísticos e a crescente especulação imobiliária, com a construção de segundas residências, pousadas e agora dos complexos turísticos e imobiliários. A Figura 10 apresenta o litoral da Lagoinha, com destaque para a área do empreendimento *Hard Rock Hotel Fortaleza*.

Figura 10 – Imagem panorâmica da praia de Lagoinha.



Fonte: Google Earth (2022). Organização: Marques; Maia Filho (2022).

Evidencia-se dessa forma a atuação dos grupos hegemônicos na reconfiguração territorial de uma localidade cujo potencial turístico é explorado tanto pela iniciativa pública quanto privada, seja no seu valor paisagístico, nas atividades de lazer oferecidas e principalmente na espacialização das formas através dos empreendimentos turístico-imobiliários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a construção do estudo, constatou-se a relevância que o litoral exerce na vida das pessoas, seja na manutenção de hábitos tradicionais, conforme exposto através do caso da

praia de Mangue Seco no município de Raposa, ou como instrumento estratégico para o desenvolvimento de atividades socioeconômicas, cenário vivenciado pela praia de Lagoinha, no município de Paraipaba.

Ambos os casos explorados ao longo do desenvolvimento do presente artigo, expõem uma realidade antagônica presente no litoral brasileiro. Embora a referida zona seja predominantemente urbanizada, contendo inúmeras capitais e outros importantes centros urbanos nacionais, ainda são encontrados modos de vida distintos daqueles praticados nas grandes cidades litorâneas.

No caso da praia de Mangue Seco, a preservação de um modelo de vivência pautado no extrativismo pode ser compreendida a partir de características socioeconômicas do local onde a praia está inserida. O município de Raposa possui índices de pobreza elevados, sua urbanização é concentrada, sobretudo, no seu centro, onde localizam-se os principais órgãos públicos, hospital, praças, rede comercial e demais serviços. Assim, a praia de Mangue Seco, de certo modo, encontra-se à margem dessa realidade, dessa forma, possuindo uma dinâmica de vida distinta, onde a relação de sua população para com o mar, é baseada em práticas de subsistência.

No caso da praia de Lagoinha, percebe-se que historicamente o seu uso já fora semelhante para com o exercido na praia de Mangue Seco, porém, em virtude de outros processos, como por exemplo, a expansão urbana da capital do Ceará, que conseqüentemente, afetou os municípios mais próximos, como foi o caso de Paraipaba.

Assim, com o advento da expansão urbana, o litoral cearense foi reconfigurado, sendo alterada a paisagem natural por equipamentos urbanos. Este processo, já consolidado em Fortaleza, continua a se expandir para outros municípios, é o que ocorre com Paraipaba, que a partir da praia de Lagoinha, passa a fazer parte do fenômeno de uso turístico e de lazer vigente no litoral brasileiro.

Em comparação com a praia de Mangue Seco, apreende-se que o mesmo fenômeno não foi efetivado, em virtude de uma distinção da dinâmica urbana das capitais dos estados do Ceará e Maranhão. Enquanto Fortaleza teve crescimento urbano acelerado, com ênfase para o seu litoral, fator que fornece à metrópole um número superior a dois milhões de habitantes e se expande até os demais municípios que compõem sua Região Metropolitana. São Luís deteve um início tardio em seu processo de urbanização litorânea, sendo impulsionado somente a partir de meados da década de 1970. Outro fator que pode ser considerado relevante para explicar este cenário, diz respeito ao fator ambiental, uma vez que a zona

costeira maranhense é detentora da maior área de manguezais do país, resultando dessa forma, em implicações legais no concernente à preservação dessa vegetação.

Embora a capital maranhense possua mais de um milhão de habitantes, e detenha a quarta maior população entre os municípios nordestinos, sua urbanização, no que diz respeito ao seu litoral, ainda é incipiente, se comparada com o caso fortalezense. Nesse contexto, destaca-se que o referido fenômeno é um condicionante para se entender a preservação do modelo tradicional de vida exercido na praia de Mangue Seco, ao passo que a situação de Fortaleza também implica na realidade vivenciada pela praia de Lagoinha.

Porém, percebe-se que a tendência de urbanização do litoral e implementação de novas funcionalidades a estes espaços, como é o caso do turismo, é uma prática comum em meio à sociedade contemporânea, e que se mostra rentável em todo o mundo. Assim, o mercado turístico-imobiliário tende, em nossa concepção, a fazer uso cada vez mais das praias, e em virtude da saturação dos territórios das capitais, os municípios que compõem suas regiões metropolitanas são transformados nas áreas seguintes a serem exploradas por este segmento. Nesse sentido, salienta-se que a referida dinâmica deve ser observada por geógrafos, arquitetos, sociólogos, historiadores e profissionais de outras áreas do conhecimento, afim de acompanhar as implicações dessa desordenada expansão urbana que faz uso do litoral e ameaça áreas ocupadas por comunidades tradicionais. Destaca-se ainda, as possibilidades de execução de eventuais investigações que fazem uso de escalas mais amplas, a partir de um caráter metropolitano, ou até mesmo regional, pois essas podem fornecer outros subsídios para melhor compreendermos o referido fenômeno, que se acentua em todo o litoral brasileiro

REFERÊNCIAS

CASTRO, J. S. **Práticas marítimas modernas no litoral Maranhense: a reconfiguração do litoral dos municípios de Raposa e São José de Ribamar**. 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

COSTA, C. R. R da. Turismo, produção e consumo do espaço litorâneo. **Geografia em Questão**, v. 5, n. 1, p. 147-162, 2012.

DANTAS, E. W. C. Advento das práticas marítimas modernas nos trópicos. **Revista GeoNordeste Edição Especial**, v. 32 n. 2, p. 11-27, agosto/2021.

DANTAS, E. W. C. **Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

DANTAS, E. W. C. **Maritimidade nos trópicos**. Fortaleza: Edições UFC, 2019.

FACUNDO, M. Fortaleza tem a Região Metropolitana mais populosa do Nordeste, diz IBGE. **O Povo**. 2018. Disponível em: < <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/08/fortaleza-tem-a-regiao-metropolitana-mais-populosa-do-nordeste.html>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

FONSECA, M. A. P.; OLIVEIRA, E. J.; SONAGLIO, K. E. O lazer como indutor de urbanização: um ensaio metodológico. **Geografia em Questão**, v. 11, n. 2, p. 63-78, outubro/2018.

GOOGLE EARTH. **Website**. Disponível em: <http://earth.google.com/> Acesso em: 23 out. 2022.

GUIA DO TURISMO BRASIL. **Paraipaba-CE**. 2022. Disponível em: <<https://www.guiadoturismobrasil.com/cidade/CE/330/paraipaba>>. Acesso em 05 de junho de 2022.

IBGE CIDADES. **Paraipaba**. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/paraipaba/panorama>. Acesso em: 25 mai. 2022.

IBGE CIDADES. **Raposa**. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/raposa/panorama>. Acesso em: 25 mai. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **DOWNLOADS**. 2017. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html>. Acesso em: 17 nov. 2022.

MARTINS, M. B. **Análise ambiental, tendências futuras e subsídios para uma gestão integrada da APA das Dunas da Lagoinha, Estado do Ceará**. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

O POVO. **Fortaleza tem a Região Metropolitana mais populosa do Nordeste, diz IBGE**. 2018. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/08/fortaleza-tem-a-regiao-metropolitana-mais-populosa-do-nordeste.html>>. Acesso em: 30 de agosto de 2022.

OLIVEIRA, R. S.; PEREIRA, M. R. S. Viver no Mangue: uma análise urbanística no Mangue Seco na Raposa–MA. In: World Congress of Architects, 27th, 2021, Rio de Janeiro. **Anais World Congresso f Architects**. Disponível em: <https://www.acsa-arch.org/proceedings/International%20Proceedings/ACSA.Intl.2021/ACSA.Intl.2021.280.pdf>, Rio Papers Book, julho/2021, p. 1564-1567.

PAULA, E. O.; PAIVA, L. P. B.; DANTAS, E. W. C. Vilegiatura Marítima: Urbanização litorânea e conflitos socioambientais na região metropolitana de Fortaleza. **REVISTA EQUADOR**, v. 8, n. 2, p. 132-151, abril/2019.

PEREIRA, A. Q. **A urbanização vai à praia: vilegiatura marítima e metrópole no Nordeste do Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

PEREIRA, A. Q.; DANTAS, E. W. C. Dos banhos de mar aos esportes nas zonas de praia e no mar. **Sociedade & Natureza**, v. 31, n. 1, p. 1-24, janeiro/2019.

PESSÔA, F. S. **Urbanização, segundas residências e turismo na zona costeira do Piauí**. 2020. 339 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

PONTES, M. A; GARCÍA-MARÍN. R; MORENO-MUÑOZ, D. Turismo, producción inmobiliaria y procesos espaciales: la difusión del modelo turístico español hacia Brasil. **Eure**, vol. 46, nº 137: 135-156, janeiro/2020.

QUINTELA, S. **Terreno do Hard Rock Hotel Fortaleza é alvo de disputa judicial**. Diário do Nordeste. 2021. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/terreno-do-hard-rock-hotel-fortaleza-e-alvo-de-disputa-judicial-1.3042717>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SOUSA, D. B. **Potencial extrativo e biologia reprodutiva do caranguejo-uçá, *Ucides cordatus*, *Linnaeus* em manguezais do litoral maranhense, Brasil**. 2017. 67f. Dissertação (Mestrado em Recursos Aquáticos e Pesca) Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2017.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento da pesquisa.